

Como fazer?

TIQQUN
2001

*Don't know what I want,
But I know how to get it.¹*
SEX PISTOLS, "Anarchy in the UK"

Vinte anos. Vinte anos de *contrarrevolução*. De *contrarrevolução preventiva*.
Na Itália.
E fora dela.

Vinte anos de um sono repleto de grades, povoado de vigílias. De um sono
de corpos, imposto pelo toque de recolher.

Vinte anos. O passado não fica para trás. Porque a guerra continua. Ramifica-se. Prolonga-se. Em uma trama universal de dispositivos locais. Em uma calibragem inédita das subjetividades. Em uma nova paz superficial.

Uma paz *armada*
Destinada a encobrir o desenvolvimento de uma imperceptível
guerra civil.

Há vinte anos, era
o *punk*, o movimento de 1977, o terreno da Autonomia,

os índios metropolitanos e a guerrilha disseminada.
De repente surgia,
como originado de alguma região subterrânea da civilização,
todo um contramundo de subjetividades
que não queriam mais consumir, que não queriam mais produzir,
que queriam deixar de ser subjetividades.
A revolução era molecular, a contrarrevolução não deixou por menos.
Instalaram ofensivamente,
depois duravelmente,
toda uma complexa máquina para neutralizar aquilo que transporta
intensidade. Uma máquina para desativar tudo o que poderia explodir.
Tudo, os indivíduos que corriam risco,
os corpos indóceis,
as aglomerações humanas autônomas,
Depois foram vinte anos de asneira, vulgaridade, isolamento e desolação.
Como fazer?

Levantar-se. Levantar *a cabeça*. Por livre vontade ou necessidade. Mas,
agora, pouco importa.

Olhar-se nos olhos e dizer que se deve recomeçar. Para que todos o saibam,
o mais rápido possível.

Recomeçar.

Fim da resistência passiva, do exílio interno, do conflito por restrição, da
sobrevivência. Recomeçar. Em vinte anos, tivemos tempo pra ver. Entendemos.
A *démokratie* para todos, a luta “antiterrorista”, os massacres do Estado, a reestruturação capitalista e sua

Grande Obra de depuração social,
por seleção,
por precarização,
por normalização,
por “modernização”,

Vimos, entendemos. Os métodos e os objetivos. O destino que nos reservam.
E o que nos recusam. O estado de exceção. As leis que colocam a polícia, a administração, a magistratura acima das leis. A judicialização, a psiquiatria, a medicalização de tudo o que foge à norma. De tudo o que foge.

Vimos. Entendemos. Os métodos e os objetivos.

Quando o poder determina sua própria legitimidade em tempo real,
quando sua violência passa a ser preventiva
e seu direito, um “direito de interferência”,
é porque não serve mais para nada ter razão. Não serve para nada ter razão
contra ele.

É preciso ser mais forte, ou mais esperto. É por isso
também
que se deve recomeçar.

Recomeçar nunca é recomeçar *alguma coisa*. Nem resgatar uma coisa onde a abandonamos. O que recomeçamos é sempre *outra coisa*. É sempre extraordinário. Porque não é o passado que nos move, mas principalmente o que, nele, *não* aconteceu.

E porque somos *nós mesmos* que recomeçamos. Recomeçar quer dizer: sair da suspensão. Restabelecer o contato com nossas transformações.

Partir,
novamente,
daqui onde estamos,
agora.

Por exemplo, existem golpes
que não irão repetir em nós.
O golpe “da sociedade”. Que precisa ser transformada. Destruída. Aprimorada.
O golpe do pacto social. Que alguns romperiam, ao passo que outros podem fingir “restaurá-lo”.

Não vão repetir esse golpe conosco,
Só um elemento militante da pequena burguesia planetária,
um *cidadão* de verdade
Deixaria de ver que ela não existe mais,
A sociedade.
Que ela ruiu. Que ela não passa de um argumento para o terror daqueles
que dizem re/presentá-la.
Ela desapareceu.

Tudo o que é social passou a ser estranho para nós.
Cremos estar totalmente desconectados de qualquer obrigação, de qualquer
prerrogativa, de qualquer pertencimento
sociais.
“a sociedade”
é o nome dado ao Irreparável
por aqueles que também queriam torná-lo
Não Declarado.
Quem recusa essa farsa deveria manter-se
um passo à distância.
Deslocar-se

levemente
da lógica comum
do Império e sua recusa,
a da *mobilização*,
com sua temporalidade comum,
a da *urgência*.

Recomeçar quer dizer: habitar essa diferença. Assumir a esquizofrenia capitalista no sentido de uma crescente capacidade de *dessubjetivação*.

Desertar, *mas guardando as armas*.

Fugir discretamente.

Recomeçar quer dizer: reunir a divisão social, a opacidade, entrar em *desmobilização*,

tirando, hoje, dessa ou daquela rede social imperial de produção-consumo os modos de viver e de lutar, para, no momento escolhido, naufragá-lo.

Referimo-nos a uma nova guerra,
a uma nova guerra *de partidários*. Sem dianteira nem uniforme, sem exército nem batalha
decisiva.

Uma guerra cujos dormitórios dispõem-se à distância dos fluxos mercadológicos, ainda que ligados a eles.

Falamos de uma guerra em latência. Com *tempo*.

De uma guerra *de posição*.

Que chega até nós.

Direcionada a ninguém.

Direcionada a nossa própria existência,
que não tem nome.

Operar esse leve deslocamento.

Deixar de temer seu tempo.

“Deixar de temer seu tempo é uma questão de espaço”.

Na ocupação. Na orgia. No motim. No trem ou no vilarejo ocupado.

À procura, entre desconhecidos, de uma *free party* imperceptível. Eu faço a experiência desse leve deslocamento. A experiência da minha *dessubjetivação*. Eu *me torno*

uma singularidade qualquer. Um *jogo* se insinua entre minha presença e todo o aparelho de qualidades que normalmente estão presas a mim.

Nos olhos de um ser que, presente, pretende julgar-me *por aquilo que eu sou*, saboreio a

decepção, sua decepção ao constatar que eu me tornei tão ordinário, tão perfeitamente

acessível. Nos gestos de um outro, trata-se de uma cumplicidade inesperada.

Sinto derreter tudo o que me isola como *sujeito*, como corpo dotado de uma configuração pública de atributos. Os corpos se esfiapam na medida do possível. Na medida do possível, tornam-se irreconhecíveis. Uma parte de cada vez, fulano arruína a equivalência. E eu chego a uma nova nudez,

a uma nudez *imprópria*, como se estivesse vestida de amor.

Nunca escapamos sozinhos da prisão do Eu?

Na ocupação. Na orgia. No motim. No trem ou no vilarejo ocupado. Nós nos encontramos.

Nos encontramos

em singularidades quaisquer. Ou seja,
não na base de um pertencimento comum,
mas de uma *presença comum*.

Tal é

a nossa necessidade de comunismo. A necessidade de espaços noturnos,
onde possamos

Nos encontrar

Para além
de nossos predicados.

Para além da *tirania* do reconhecimento. Que impõe o re/conhecimento
como distância

definitiva entre os corpos. Como inevitável separação.

Tudo o que me torna reconhecível — o namorado, a família, o meio, a em-
presa, o Estado, a opinião — é com isso que acreditam me manter.

Pela lembrança constante daquilo que eu sou, minhas qualidades, preten-
diam me alienar de qualquer tipo de situação, queriam extorquir de mim, em to-
das as ocasiões, uma fidelidade a mim mesma, e que se trata de uma fidelidade *aos*
meus predicados.

Esperam que eu me comporte como um homem, como um empregado,
como um desempregado, como uma mãe, como uma militante ou uma filósofa.

Querem encerrar nas margens de uma identidade o caminho imprevisto das
minhas transformações.

Querem me converter para a religião de uma coerência
Que elegeram para mim.

Quanto mais sou *reconhecida*, mais meus gestos são entravados, *internamen-
te* entravados. Eis-me aqui presa na malha ultrassecreta do novo poder. Nas arma-
dilhas impalpáveis da nova polícia: A POLÍCIA IMPERIAL DAS QUALIDADES.

Existe toda uma rede de dispositivos onde eu me espelho para me “integrar”,
e que *incorporam* em mim essas qualidades.

Todo um sistema de classificação, de identificação e de vigília mútuas.
Todo um regulamento difuso da ausência.

Todo um aparelho de controle comporta/mental, que visa ao panoptismo, à privação da transparência, à atomização.
E no qual eu me debato.

Preciso me tornar anônimo. Para estar presente.

Quanto mais anônimo eu for, mais estarei presente.

Preciso de zonas de indistinção

para acessar o Comum.

Para não mais me *reconhecer* no meu nome. Para ouvir no meu nome nada mais do que a voz que o chama.

Para compreender o *como* dos seres, não o que eles são, mas *como* são o que são.

Sua forma-de-vida.

Preciso de zonas de opacidade onde os atributos,

Mesmos criminosos, mesmo geniais,

Não mais separam os corpos.

Tornar-se alguém. Tornar-se uma singularidade qualquer, não é nada óbvio.

É sempre possível, mas nunca óbvio.

Existe uma *política* da singularidade comum.

Que consiste em arrancar do Império

As condições e os meios,

mesmo em intervalos,

Para se provar como tal.

Trata-se de uma política, porque supõe uma capacidade de enfrentamento,

E porque um novo agrupamento humano

lhe é correspondente.

Política de uma singularidade qualquer: liberar esses espaços onde os atos deixaram de negociar com determinados corpos.

Onde os corpos encontram a disposição para o *gesto* que a sábia distribuição dos dispositivos metropolitanos — computadores, automóveis, escolas, câmeras, celulares, salas de esporte, hospitais, televisões, cinemas etc. — lhes havia furtado.

Reconhecendo-os.

Imobilizando-os.

Fazendo-os girar no vazio.

Fazendo que a cabeça exista separada do corpo.

Política de uma singularidade qualquer.

Um tornar-se-algo é mais revolucionário do que qualquer ser-algo.

Liberar espaços nos deixa cem vezes mais livres do que qualquer “espaço liberado”.

Mais do que exercer um poder, regozijo-me com a circulação do meu poder.

A política de uma singularidade qualquer reside na ofensiva. Nas circunstâncias, nos momentos e nos lugares de onde serão extraídos as circunstâncias, os momentos e os lugares

de um tal anonimato,
de uma breve pausa no estado de simplicidade,
ocasião de extrair de todas as nossas formas a *pura adequação à presença*,
a ocasião de, finalmente, estar
aqui.

||

Como fazer? E não *O que fazer?* Como fazer? É a questão dos meios.
Não a dos propósitos, dos *objetivos*,
do que, em princípio, *precisa* ser feito, estrategicamente.
Mas do que *pode* ser feito, taticamente, nessa situação,
e da *conquista* dessa potência.
Como fazer? Como desertar? Como isso funciona? Como conjugar minhas
cicatrizes e o comunismo? Como continuar na guerra sem perder a ternura?
A questão é técnica. E não um problema. Os problemas são rentáveis.
Eles alimentam os especialistas.
Uma questão.
Técnica. Que se duplica em função das técnicas de *transmissão* dessas técnicas.
Como fazer? O resultado sempre contradiz o objetivo. Porque apresentar um
objetivo é ainda um meio,
um *outro* meio.

O que fazer? Babeuf, Tchernichevski, Lênin. A virilidade clássica exige um anal-
gésico, uma miragem, qualquer coisa. Um *meio* para ignorar-se ainda mais. Enquanto
presença. Enquanto forma-de-vida. Enquanto ser em *situação*, dotado de aptidões.

De *certas* aptidões.

O que fazer? O voluntarismo como derradeiro niilismo. Como niilismo ca-
racterístico da *virilidade clássica*.

O que fazer? A resposta é simples: resignar-se novamente à lógica da mobi-
lização, ao tempo da urgência. Sob pretexto de rebelião. Apresentar finalidades,
palavras. Buscar a implementação. A implementação das *palavras*. Enquanto se
espera, deixar a existência para depois. Ficar entre parênteses. Habitar na exce-
ção de si. Distante do tempo. Que passa. Que não passa. Que para. Até... até o
próximo. Objetivo.

O que fazer? Ou, melhor: é inútil viver. Tudo o que você não viveu, a Histó-
ria lhe oferecerá.

O que fazer? É o esquecimento de si que se projeta no mundo.
Como esquecimento do mundo.

Como fazer? É a questão do *como*. Não *daquilo* que um ser, um gesto, algo é feito, mas de *como* ele é o que ele é. De como seus atributos se relacionam com ele. E vice-versa.

Permitir. Permitir a fenda entre o sujeito e seus predicados. O *abismo* da presença. Um homem não é “um homem”. “Cavalo branco” não é “cavalo”.

É a questão do *como*. A *atenção ao como*. A atenção ao modo como uma mulher é, e não é, uma mulher — para isso, são necessários dispositivos para tornar um ser de sexo feminino em “uma mulher”, ou um homem de pele negra, em “um Negro”.

A atenção à *diferença ética*. Ao *elemento ético*. As inflexibilidades que o atravessam. O que acontece entre os corpos em uma ocupação é mais interessante do que a própria ocupação.

Como fazer? significa que o enfrentamento militar com o Império deve estar subordinado ao fortalecimento das relações no interior de nosso partido. Que a política não passa de uma certa força *no interior* do elemento ético. Que a guerra revolucionária não pode mais ser confundida com sua representação: o momento bruto do combate.

A questão do *como*. Atentar para a ocorrências das coisas, dos seres. Para seus acontecimentos. Para a obstinada e silenciosa evidência de sua própria temporalidade sob o aniquilamento universal de todas as temporalidades

pela urgência.

O *Que fazer?* como ignorância programática dessas questões. Como fórmula inaugural do desamor desenfreado.

O *Que fazer?* sempre reaparece. Já faz alguns anos. Desde meados de 1990, e não Desde Seattle. Uma rememoração da *crítica* parece enfrentar o Império com *slogans*, com receitas dos anos 1960. Sendo que, desta vez, estão fingindo.

Fingem a inocência, a indignação, a boa consciência e a necessidade de sociedade. Fazem circular novamente todo o velho encadeamento dos afetos social-democratas. Afetos *cristãos*. E, mais uma vez, são essas as manifestações. As manifestações estraga-prazer. Onde nada acontece.

E que não manifestam nada

Senão a ausência coletiva.

Para sempre.

Para os que têm a nostalgia do Woodstock, da marijuana, de maio de 1968 e da militância, existem os contracúpula. Restabeleceram o contexto, o *possível*, com o *mínimo*.

É isso o que orienta o *Que fazer?* hoje: ir ao outro lado do mundo contestar o mercado global

e voltar, depois de um grande banho de unanimidade e de separação midiática, conformar-se com o mercado local.

Na volta pra casa, eis a foto no jornal... Todos juntos sozinhos!... Era uma vez... Que juventude!...

Que pena dos corpos vivos perdidos por aí, numa busca vã por um espaço para seus desejos.

Esse voltam um pouco mais entediados. Um pouco mais esvaziados. Reduzidos. De contracúpula em contracúpula, eles vão acabar entendendo. Ou não.

Não se contesta o Império sob sua gestão. Não se *critica* o Império. Mas rejeitamos suas forças.

De lá onde já estamos.

Manifestar opinião sobre uma alternativa ou outra, ir até lá onde estão nos chamando, não faz mais sentido algum. Não existe projeto global alternativo ao projeto global do Império. Porque não existe projeto global do Império. Existe uma *gestão imperial*. Toda gestão é ruim. Os que exigem uma outra sociedade fariam melhor se percebessem que não existe outra. E talvez eles parariam de ser aprendizes-administradores. Cidadãos. Cidadãos *indignados*.

A ordem global não pode ser vista como um inimigo. Diretamente.

Porque a ordem global não ocupa um lugar. Muito pelo contrário. Trata-se da ordem dos não lugares.

Ela é perfeita não por ser global, mas porque é *globalmente local*. A ordem global é a trama de todos os acontecimentos, porque ela é a ocupação concluída, autoritária, do local.

Resistimos à ordem global apenas *localmente*. Pelo tamanho das zonas escuradas nos mapas do Império. Pela comunicação progressiva.

Subterrânea.

A política que chega. Política da insurreição local contra a gestão global. A recuperada presença sobre a ausência de si. Sobre a estranheza cidadã, imperial.

Recuperada pelo roubo, pela fraude, pelo crime, pela amizade, pela inimizade, pela conspiração.

Pela elaboração dos modos de vida que também sejam modos de luta.

Política de ocupar-lugar.

O Império *não ocupa um lugar*. Ele administra a ausência alastrando a ameaça palpável da intervenção policial. Quem busca no Império um adversário para se basear encontrará a destruição preventiva.

Ser visto, a partir de então, é ser derrotado.

Aprender a tornar irreconhecível. A nos confundir. Resgatar o gosto pelo anonimato,

pela promiscuidade.

Renunciar à distinção,

Para contrariar a repressão:
preparar, para o confronto, as condições mais favoráveis.
Tornar-se esperto. Impiedoso. E, com isso, tonar-se alguém.

Como fazer? é a pergunta das crianças perdidas. Aqueles para quem nada foi dito. Aqueles com gestos não confiantes. Para quem nada foi *dado*. Cuja criaturidade, o erro, não para de se traír.

A revolta que surge é a revolta das crianças perdidas.

O fio da transmissão histórica se rompeu. Até a tradição revolucionária

Nos deixa órfãos. Sobretudo o movimento operário. O movimento operário que voltou como instrumento de uma integração superior ao Processo. Ao novo Processo, cibernetico, de valorização social.

Em 1978, foi em seu nome que o PCI, o “partido das mãos limpas”, lançava
A caça ao Autônomo.

Em nome de sua compreensão classista de proletariado, de sua mística da sociedade,

do respeito ao trabalho, do útil e da decência.

Em nome da defesa das “aquisições democráticas” e do Estado de direito.

O movimento operário que sobreviverá no operaísmo.

A única crítica que existe ao capitalismo *do ponto de vista da Mobilização Total*.

Doutrina temível e paradoxal,

Que terá salvado o objetivismo marxista por tratar apenas da “subjetividade”.

Que terá levado a um refinamento inédito a negação do *como*.

A reabsorção do gesto em seu produto.

A urticária do *futuro anterior*.

Daquilo que tudo *teria sido*.

A crítica passou a ser vã. A crítica passou a ser vã porque ela corresponde a uma ausência. Quanto à ordem dominante, todos sabem onde nos apoiar. Não precisamos mais de teoria *crítica*. Não precisamos mais de professores. A crítica passa a se dar por dominação. *Até mesmo a crítica da dominação*.

Ela reproduz a ausência. Ela nos fala de onde não estamos. Ela nos impulsiona para outro lugar. Ela nos consome. Ela é covarde. Ela se mantém protegida enquanto nos envia para a carnificina.

Secretamente apaixonada por seu objeto, ela não para de nos mentir.

Vêm daí os breves idílios entre proletários e intelectuais engajados.

Esses casamentos de *razão* onde não fazemos a menor ideia nem do prazer nem da liberdade.

Mais do que novas críticas, precisamos de novas cartografias.

Cartografias não do Império, mas de linhas de fuga para fora dele.

Como fazer? Precisamos de mapas. Não de mapas daquilo que está fora dos mapas.

Mas de mapas de navegação. De mapas *marítimos*. De ferramentas de *orientação*. Que não pretendem dizer nada, nem representar o que existe no interior de diferentes arquipélagos da deserção, mas nos indicam como chegar até eles. *Portulanos*.

III

Hoje é terça-feira, 17 de setembro de 1996, pouco antes do amanhecer. O ROS (Reagrupamento Operacional Especial) coordena em toda a península a prisão de setenta anarquistas italianos.

Trata-se da conclusão de 15 anos de pesquisas infrutíferas sobre os anarquistas da insurreição.

A técnica já é conhecida: fabricar um “arrependido”, fazer com que ele denuncie a existência de uma ampla organização subversiva hierarquizada.

Depois, acusar, na base dessa criação quimérica, todos os que querem impedir essa participação.

Secar outra vez o mar para pegar peixes.

Mesmo quando não passa de um tanque minúsculo.

E de alguns lambaris.

Uma “nota informativa de serviço” escapou do ROS a esse respeito.

Sua estratégia está exposta aí.

Fundado nos princípios do general Dalla Chiesa (1920-1982), o ROS é o mesmo tipo do serviço imperial de contrainsurreição.

Ele trabalha com a população.

Lá onde houve algo intenso, lá onde alguma coisa aconteceu, ele é o *french doctor* da situação. Aquele que coloca,

sob a aparência da profilaxia,

os cordões sanitários que visam isolar

o contágio.

Tudo que ele teme, ele fala. Nesse documento, isso está escrito. O que ele teme é o “*lamaçal do anonimato político*”.

O Império tem medo.

O Império tem medo de que nos tornemos alguém. Um meio delimitado, uma organização combativa. Isso ele não teme. Mas uma constelação expansiva de ocupações, de fazendas autogeridas, de habitações coletivas, de agrupamentos *fine a se stesso*,² de rádios, técnicas e ideias. O conjunto conectado por uma intensa circulação de corpos, e de afeto entre os corpos. Mas aí é outra história.

A conspiração dos corpos. Não dos espíritos críticos, mas das *corporeidades críticas*. Eis o que o Império teme. Eis o que ocorre lentamente, com o aumento dos fluxos da deserção social.

Existe uma opacidade intrínseca ao *contato* dos corpos. E que não é compatível com o reino imperial de uma luz que ilumina as coisas apenas para desintegrá-las.

As Zonas de Opacidade Ofensiva não estão por ser criadas.

Elas já existem, em todas as relações onde acontece um verdadeiro jogo dos corpos.

Precisamos admitir que participamos dessa opacidade. E nos munirmos dos meios

para desenvolvê-la,
para defendê-la.

Por todo lugar onde conseguirmos frustrar os dispositivos imperiais, derrubar todo o trabalho cotidiano do Biopoder e do Espetáculo para recrutar da população uma fração de cidadãos. Para isolar novos *untorelli*. Nessa nova indiferenciação forma-se, espontaneamente, um tecido ético autônomo, um plano de consistência separatista.

Os corpos se juntam. Retomam o fôlego. Conspiram.

Não interessa que essas zonas sejam destinadas ao aniquilamento militar. O que importa é, a cada vez,

levar uma via de retirada segura. Para se reagrupar em outro lugar.

Mais tarde.

O que supunha o problema *O que fazer?* era o mito da greve geral.

O que responde à pergunta *Como fazer?* é a prática da GREVE HUMANA.

A greve geral insinuava que havia uma exploração limitada ao tempo e ao espaço, uma alienação fragmentada, relativa a um inimigo reconhecível, e, portanto, vencível.

A greve humana responde a uma época cujos limites entre o trabalho e a vida acabam

desaparecendo.

Onde consumir e sobreviver, produzir “textos subversivos” e resistir aos efeitos mais nocivos da civilização industrial, fazer esporte, amor, ser pai ou usar Prozac. *Tudo é trabalho.*

Porque o Império gera, digere, absorve e recompõe
tudo o que está vivo.

Mesmo “o que eu sou”, a subjetivação que eu não recuso *hic et nunc*,
tudo é produtivo.

O Império conferiu tudo ao trabalho.

Idealmente, meu perfil profissional coincide com meu próprio rosto.

Mesmo se não sorrio.

Entretanto, as caretas do rebelde acabam se vendendo bem.

Império, ou melhor, os meios de produção passaram a ser meios de controle
enquanto o inverso também se confirmava.

Império significa que a partir de então o momento político *domina*
o momento econômico.

E, contra isso, a greve geral não pode fazer mais nada.

O que se deve opor ao Império é a greve humana.

Que nunca enfrenta as relações de produção sem, ao mesmo tempo, enfrentar
as relações afetivas que as sustentam.

Que deteriora a economia libidinal inconfessável
restituindo o elemento ético — o *como* — recusado em todos os contatos
entre os corpos neutralizados.

A greve humana é a greve que, exatamente onde se esperava
diante de uma ou outra reação previsível,
de um ou outro tom arrependido ou indignado
PREFERE A RECUSA.

Evita o dispositivo. Deixa-o saturado ou o faz explodir.

Recomeça, preferindo
outra coisa.

Outra coisa que não esteja circunscrita às possibilidades autorizadas pelo
dispositivo.

No atendimento de um serviço social qualquer, nos caixas de um supermercado
qualquer, em uma conversa educada, no momento de uma intervenção da polícia,
conforme a relação de força,
a greve humana refere-se ao espaço entre os corpos,
destrói o *double bind* onde os acerta,
os encurrala com a presença.

Existe todo um ludismo a ser inventado, um ludismo de engrenagens humanas
que fazem girar o Capital.

Na Itália, o feminismo radical foi uma forma embrionária da greve humana.

“*Por mais mães, mulheres e meninas, vamos destruir as famílias!*” era um
convite para a iniciativa

de romper os encadeamentos previstos,

de liberar as possíveis opressões.

Era uma investida contra os negócios afetivos fracassados, contra a prostituição ordinária.

Era uma chamada à superação do casal, como unidade elementar de administração da alienação.

Era, então, um chamado para a cumplicidade.

Prática insustentável sem circulação, sem contágio.

A greve das mulheres convocava implicitamente à dos homens e das crianças, convocava para esvaziar as fábricas, as escolas, os escritórios e as prisões, para reinventar, para cada situação, uma outra maneira de ser, um outro *como*.

A Itália dos anos 1970 era uma gigantesca zona de greve humana.

As autorreduções, os assaltos, os bairros ocupados, as manifestações armadas, as rádios livres, os inúmeros casos de “síndrome de Estocolmo”,

mesmo as famosas cartas de Moro (1917-1978) preso, perto do final, eram práticas de greve humana.

Pois vejam que nessa época os stalinistas falavam de “irrationalidade difusa”!

Também existem autores para os quais a greve humana não para.

Kafka (1883-1924), Walser (1878-1956), ou Michaux (1899-1984), por exemplo.

Adquirir *coletivamente* essa capacidade de abalar as familiaridades.

Essa arte de conviver dentro de si próprio com o hóspede mais angustiante.

Na atual guerra, onde o reformismo de urgência do Capital deve trajar-se de revolucionário para se fazer ouvir,

onde os combates mais *démokrates*, os dos contracúpula, têm acesso à ação direta, um papel nos é reservado.

O dos mártires da ordem *democrática*, que bate, de forma preventiva, em todo corpo que *poderia* apanhar.

Eu deveria entoar a retórica da vítima. Porque, como se sabe, todos são vítimas, até mesmo os próprios opressores.

E saborear somente uma circulação discreta do masoquista dá novo encanto à situação.

A greve humana, hoje,
recusa encenar o papel da vítima.
Combatê-lo.
Reapropriar-se da violência.
Reapoderar-se da impunidade.
Explicar aos cidadãos perplexos
que se eles não entram em guerra é porque já estão.
E quando nos dizem que se trata disso, matar ou morrer, é de verdade
isso e morrer.

Assim,
de greve humana
em greve humana, promover
a insurreição,
onde não há nada além disso,
onde todos somos
uma singularidade
qualquer.

TIQQUN foi um jornal filosófico de esquerda francês fundado em 1999 e produzido coletivamente por diferentes autores e ativistas. *Tiqqun* é o nome de um conceito filosófico que deriva desses textos e seu significado provém do hebreu *tikkum* (arrumar, reparar) e da expressão *tikkun olam*, que, em tradução literal, significa “consertar o mundo”.

FONTE: Publicado em *Tiqqun, Organe de liaison au sein du Parti Imaginaire — Zone d'Opacité Offensive*, n. 2, out. 2001. Traduzido do francês por Marcela Vieira.

1 [Não sei o que quero/ Mas
sei como conseguir.]

2 Isto é, com um fim em si
mesmos. [N. do E.]